

PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

A FEMINIZAÇÃO DO TRABALHO PRODUTIVO: entre a resistência feminista e a precarização.

Rafaela Araujo da Luz Miranda¹
Daniela Ribeiro Castilho²
Anne Karoline Silva Fernandes³
Rogeovandra Martins Portela de Oliveira⁴

RESUMO

O presente ensaio discute a relevância da inserção da força de trabalho feminina nas relações de trabalho produtiva, tendo em vista o processo histórico de subordinação do feminino sob o masculino, acentuado pelo regime patriarcal, no qual historicamente, o trabalho remunerado foi concebido por homens, enquanto mulheres ficam por incumbência do trabalho reprodutivo, tal diferenciação vem marcado pelo processo de sociabilidade, intensificado no modo de produção capitalista, atualmente marcado por retrocessos nos direitos sociais históricos conquistados pelo gênero feminino. Dessa forma, buscou-se fazer uma análise dos vínculos sociais, das instituições e da socialização dessas de mulheres direcionando-se por uma leitura crítica da realidade.

Palavras-chave: Trabalho Produtivo. Trabalho Reprodutivo. Mulher.

ABSTRACT

This essay discusses the relevance of the insertion of the female workforce in productive work relations, in view of the historical process of subordination of the female under the male, accentuated by the patriarchal regime, in which, historically, paid work was conceived by men, while women are in charge of reproductive work, such differentiation is marked by the process of sociability, intensified in the capitalist mode of production, currently marked by setbacks in the historical social rights conquered by the female gender. In this way, an attempt was made to analyze the social bonds, institutions and socialization of these women, guided by a critical reading of the reality.

Keywords: Productive Work. Reproductive Work. Woman.

1. INTRODUÇÃO

¹ Programa de Pós Graduação em Serviço Social-UFPA; Mestranda; rafaelaluz91@gmail.com

² Programa de Pós Graduação em Serviço Social-UFPA; Professora Doutora; danicastilho@yahoo.com.br

³ Programa de Pós Graduação em Serviço Social-UFPA; Mestranda; akfernandes.mestrado@gmail.com

⁴ Programa de Pós Graduação em Serviço Social-UFPA; Mestranda; rogeovandra@gmail.com

PROMOÇÃO



O presente estudo traz compreensões sobre a categoria trabalho na perspectiva do trabalho produtivo e reprodutivo. Tem como recorte a discussão de gênero e a feminização do trabalho, sendo que, o texto faz parte de uma revisão de literatura, sobre o que os/as autores/os contemporâneos/as vêm discutindo acerca do papel da mulher nos espaços de trabalho.

No mais, o interesse pelo estudo partiu dentre outros objetivos, da instigação das autoras nesse processo de subordinação ao masculino ao perceber a partir da observação dos diversos espaços sócio-ocupacionais, a reprodução do machismo, legitimado pela sociedade patriarcal e capitalista, caracterizado pela naturalização das múltiplas violências sofridas por mulheres

Com base nas considerações, este trabalho, tem como objetivo fazer uma reflexão sobre o papel da mulher na divisão sexual do trabalho. O método utilizado para análise dessa realidade foi por meio da aproximação ao materialismo histórico e dialético, por entender que a sociedade é uma teia de contradições e possibilidades, constituindo-se pela materialidade histórica da existência real concreta e pensada de mulheres e homens em sociedade.

Dessa forma, este artigo está dividido da seguinte forma: introdução, três tópicos de desenvolvimento, sendo o primeiro caracterizado a partir do contexto histórico das relações de trabalho, o segundo pela discussão sobre mulher, trabalho e patriarcado e, por fim, o terceiro tópico aborda mulher e a divisão sexual do trabalho em uma perspectiva teórico-crítica, em seguida foram tecidas considerações sobre o objeto em questão.

2 CONTEXTO HISTÓRICO DAS RELAÇÕES DE TRABALHO

Compreende-se que toda atividade que realizamos envolve trabalho e o que o diferencia é o modo de produção, já que a categoria trabalho é “antes de tudo, um processo entre o homem e a natureza, processo este em que o homem, por sua

própria ação, medeia, regula e controla seu metabolismo com a natureza” (MARX, 1989, p. 181).

Mediante essa perspectiva, relaciona-se o termo trabalho proveniente de algo natural, ontológico ao homem. Todavia o conceito de trabalho que a pesquisa se propõe a discutir é a categoria Trabalho em Marx, assim descrito:

No processo de trabalho a atividade humana é materializada ou objetivada em valores de uso. O processo de trabalho, como o apresentamos em seus elementos simples e abstratos, é atividade orientada a um fim para produzir valores de uso, apropriação do natural para satisfazer a necessidades humanas [...]. (MARX, 1989, p. 153).

É necessário compreender que a sociedade capitalista, a partir desse momento traz consigo características incoerentes e restritas, pois à medida que o capitalismo se desenvolve apresenta transformações e a pauperização do/a trabalhador/a. Segundo Marx (1989) o capital não é uma coisa material, mas sim a soma dos meios materiais de produção produzidos, o produto e mais a força de trabalho.

As relações sociais que se reproduzem no sistema capitalista são fundamentalmente limitadas à mercadoria, valor de troca e valor de uso, podendo ser expressa no local de trabalho, quando o/a trabalhador/a oferece seu único bem ao detentor dos meios de produção, ou seja, a sua força de trabalho. Este/a recebe em troca um salário, por outro lado, o empresário compra a força de trabalho deste/a e em troca recebe lucro em cima do trabalho excedente⁵.

A transcrição acima permite inferir que o modo de produção capitalista a partir da imposição e das péssimas condições de trabalho destinadas a classe trabalhadora fez desaparecer o significado do trabalho ontológico ao homem, a partir do qual o homem constrói e se reconstrói.

As tentativas de intervenção do Estado acerca dessa relação contraditória entre capital e trabalho se caracteriza pela divisão de classe, na qual de um lado se tem os/as trabalhadores/as e de outro a burguesia (detentores do meio de produção). Como já mencionado, na sociedade capitalista essas ações são pontuais, a nova faceta da acumulação do capital acarretou um novo direcionamento na organização

⁵ O tempo de trabalho excedente existe quando o trabalhador não detém mais os meios de produção e a outra fração do seu tempo total de trabalho é dedicada ao detentor desses meios (MARX, 2003).

PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



de trabalho, culminando em processos de flexibilização do trabalho, fazendo surgir novos aspectos em relação aos direitos, marcado por um Estado neoliberal. São expressões desse processo: “o desemprego estrutural, a intensificação da exploração, as subcontratações, as terceirizações, os rebaixamentos dos salários e a exigência do/a trabalhador/a polivalente” (ASSIS; ROSADO, 2012, p. 210).

O contexto de mudanças na forma de acumulação de riqueza pelo capital, resultando em transformações significativas no mundo do trabalho e, por conseguinte o aumento das desigualdades sociais e atenuação da pobreza têm colocado grandes desafios. No modo de produção capitalista, as relações laborais são baseadas para satisfazer os ganhos do capital, por meio da expropriação da mais-valia, nem que para isso a força de trabalho seja degradada em toda sua potencialidade comparando-se a uma mercadoria, uma vez, que sem escolha o/a trabalhador/a é obrigado/a a vender seu único "bem", ou seja, sua força de trabalho.

Nesse debate sobre a subsunção do trabalho aos ditames do capital a um outro complexo que constitui o sociometabolismo das relações burguesas que é função da mulher nesta sociabilidade, caracterizada pela desigualdade de classe, mas também de gênero, raça e etnia.

O evoluir da sociedade de classes, particularmente, da sociedade capitalista, foi determinante para materializar e objetivar a divisão sexual e política do trabalho, como maneira de submissão das mulheres, na medida em que, se organizou seguindo dois pressupostos: o de segmentação, considerando a existência de trabalhos masculinos e trabalhos femininos; e, o da hierarquização que entende que o trabalho executado por homens tem mais valor que os realizados por mulheres (KERGOAT, 2010).

Para o pensamento marxista sobre a condição feminina, importante reforçar aqui que tais pressupostos decorrem das relações sociais materiais, que expressam sobretudo, a perspectiva de poder e hegemonia entre os sexos, concebidas, em vista disso, em relações antagônicas.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUIS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



Há, nas sociedades capitalistas, toda uma construção ideológica que supervaloriza o trabalho masculino, como expressão de poder e dominação, em detrimento do trabalho feminino, em particular, daquele direcionado sobretudo para o cuidado familiar.

O trabalho reprodutivo ou improdutivo na literatura marxista clássica, é aquele ligado aos serviços ou que estão relacionados à reprodução da força de trabalho. Necessariamente, por não oferecer lucratividade de maneira direta, consequentemente torna-se um trabalho desvalorizado para a sociedade. No entanto, as atividades domésticas gratuitas realizadas majoritariamente por mulheres, não são menos econômicas que a dos homens, e que, embora não gerem valor monetário, elas geram valor de forma indireta, já que todos os integrantes da família consomem, gerando suas condições materiais.

3 MULHER, TRABALHO E PATRIARCADO

Antes de mais nada, importa pontuar que, o mundo do trabalho caracteriza-se como espaço de tensionamento sistemático entre as classes sociais, interposta por conflitos, aos quais mulheres são altamente prejudicadas em detrimento dos interesses do capital. Segundo Ferreira e Santana (2018, p.80) “essa destruição continuará a afetar os seres humanos que, no geral, vivem do seu trabalho (mulheres, negros, indígenas, gays, lésbicas), ou seja, pessoas do gênero humano, em especial os pobres ao redor do mundo”.

Compreende-se que a violência de gênero vivenciada por mulheres no local de trabalho, também faz parte de um dos reflexos da lógica do Estado capitalista. Ainda que não tenha surgido com tal modo de produção, certamente foi e é reforçado pelo sistema patriarcal, pela opressão de classe, gênero raça e etnia. Logo:

Violência de Gênero é todo o ato de violência que tenha ou possa ter como resultado um dano ou sofrimento físico, sexual e psicológico para a mulher, inclusive as ameaças de tais atos, a coação ou a privação arbitrária da liberdade, tanto produzidas na vida pública como no espaço privado (LISBOA, 2014, p.36).

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

A violência de gênero por meio das lutas feministas é uma temática que atualmente tem se constituindo gradativamente no campo dos direitos, saindo do âmbito privado e se alicerçando no âmbito público. Sendo que as diversas representações da violência eram por hora naturalizadas pela sociedade.

A esse respeito Cisne e Santos (2018) traçam uma discussão sobre os diversos pontos norteadores de uma sociedade capitalista e suas consequências e reforço ao machismo, por meio das relações de hierarquia de opressão e exploração entre os sexos. Dessa forma, é imprescindível que as discussões norteadoras da questão de gênero, não se descole e tampouco se afaste da categoria trabalho, já que “entendemos que as relações sociais de sexo, raça e classe são antagônicas e estruturantes porque determinam materialmente a exploração do trabalho, por meio da divisão de classe e da divisão sexual e racial do trabalho”. (CISNE, 2018, p.212)

Para tanto, as “relações sociais de sexo” e de “raça” são elementos indispensáveis para entendermos a exploração do mundo do trabalho, especialmente, no que concerne ao trabalho produtivo e improdutivo. No qual mulheres, ainda são padronizadas a realizarem trabalho reprodutivo, enquanto trabalho desvalorizado,

Mulheres: “efetua sempre majoritariamente ‘trabalho de mulheres’ com condições de trabalho de mulheres (informalidade, precarização, abuso de todos os tipos, incluindo o assédio sexual e os salários das mulheres” O “trabalho desvalorizado” e o “trabalho considerado feminino” são entendidos, ainda, como tudo o que se encontra entre a extração de trabalho mediante salário e a extração de trabalhos gratuitos. Extrações essas que são “co-construídas” (FALQUET 2012, p. 163).

A expansão do trabalho feminino, por meio das lutas feministas, tem aparecido, “sobretudo no trabalho mais precarizado, nos trabalhos em regime *part-time*, marcados por uma informalidade ainda mais forte, com desníveis salariais ainda mais acentuados em relação aos homens, além de realizar jornadas mais prolongadas” (ANTUNES, 2000, p. 108).

A flexibilização do trabalho, dentre outras penalizações à classe trabalhadora, trouxe imbricado o discurso de “colaboração”, no qual, o/a trabalhador/a se sente

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

parte da lógica capitalista, trazendo para este/a a sensação de superioridade e “gratidão à empresa que lhe permitiu ascender profissionalmente” sendo possível perceber quando o patrão dá um cargo no qual ao trabalhador assume a função de fiscalizar os demais, reverberando a perda da sua identidade de classe. Contribuindo assim, para o estímulo à competitividade e ao individualismo exacerbado entre eles/as.

E dentre as várias consequências, tem-se o assédio moral e sexual, no qual mulheres são mais suscetíveis. Uma das formas que ocorre esse assédio moral, a princípio é na procura por emprego, a partir da apresentação estética, posteriormente com outras ações, bem como: ameaças, insulto, isolamento, restrição ao uso sanitário, restrições com grávidas, mulheres com filhos e casadas, são as primeiras a serem demitidas, os cursos de aperfeiçoamento são preferencialmente para os homens e revistas vexatória, e entre outras atitudes que caracterizam assédio moral. Segundo Hirigoyen (2012) o assédio moral também significa toda e qualquer conduta abusiva no local de trabalho, que pode se manifestar por meio de comportamentos, gestos, palavras e atos que tragam danos ao trabalhador/a.

A entrada em massa das mulheres na força de trabalho durante o século XX, em extensão tão significativa que hoje elas já chegaram a constituir maioria nos países de capitalismo avançado, não resultou em sua emancipação. Em vez disso, apareceu a tendência de generalizar para toda a força de trabalho a imposição dos salários mais baixos a que as mulheres sempre tiveram de se submeter [...] (MÉSZÁROS, 2002, p. 272).

Segundo Sousa, Oliveira e Franco (2017, p. 3) as mulheres tendem a viverem a pobreza de forma mais acentuada e "entre os fatores que contribuem para a vulnerabilidade das mulheres, estão o acesso desigual ao trabalho remunerado, rendimentos inferiores, falta de proteção social e acesso aos bens, incluindo terras e propriedades".

Em uma sociedade patriarcal caracterizada pela valorização do machismo, reforçado e legitimado pelo Estado, influencia diretamente na imagem feminina e seu papel social, familiar e profissional na sociedade. Do mesmo modo, carrega o estereótipo de marginalização, uma vez que não atua diretamente na geração de

PROMOÇÃO



APOIO





lucro na sociedade capitalista, além de atender em sua grande maioria a classe trabalhadora.

Concernente ao assunto, compreende-se que o patriarcado não foi algo plasmado imposto sem nenhuma base, muito pelo contrário é algo construído e reforçado durante décadas. “O tripé gênero-raça/etnia-classe expressões numa determinada direção. O uso de conceito(s) inscrito(s) neste nível assegura o afastamento do relativismo absoluto” (SAFFIOTI, 1985, p. 76).

Contudo, faz-se necessário validar que tais comportamentos, fazem parte da lógica dessa sociedade capitalista, o qual o intuito é obter vantagem em tudo que puder, e a violência contra mulher, é mais uma forma de legitimar a sociedade patriarcal pelo processo histórico de subordinação que o feminino tem ao masculino. Dessa forma, “desvelar esse naturalismo no terreno da história é um passo fundamental para o processo de formação da consciência das mulheres e de superação das relações de apropriação e exploração que se encontram implicadas” (CISNE, 2014, p.101).

Nesse sentido, o mercado de trabalho, por meio das normativas que a constitui reforça essa prática. Dessa forma, desconstruir essa imagem, faz necessário, segundo Castro (2014, p. 108) “ Engendrar um feminismo marxista, a partir de análises das experiências de mulheres de setores populares em movimentos e organizações de base”.

4 MULHER E A DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO EM UMA PERSPECTIVA MATERIALISTA

No presente item serão discutidos o feminismo e a divisão sexual do trabalho, tendo como base o materialismo histórico e dialético, já que pensar em uma sociedade sem o patriarcado e o racismo, é pensar também uma sociedade sem opressão de classe. Dessa forma, o presente estudo encaminha-se pelo o

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUIS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

entendimento que a teoria crítica e revolucionária marxista dar sustentação “a luta por liberdade substantiva, o que necessariamente demanda pensar as relações sociais e as contradições e conflitos que os conformam, bem como uma ação coletiva em torno de um projeto societário classista (CISNE, 2018, p. 212). Sobre o assunto, Ricardo Antunes, pontua que:

As transversalidades entre classe, gênero, etnia, geração, tudo aparece nas *complexas fábricas*. Nos call-centers, na indústria de alimentos (corte de aves), na indústria têxtil, nos hipermercados. As tantas cenas presentes no universo feminino fazem desmoronar o mito dos trabalhos brandos, tecnologizados, assépticos. (ANTUNES, 2018, p. 26).

Muito embora, haja avanços no que condiz à inserção das mulheres no mercado de trabalho, verifica-se as duras batalhas cotidianas no qual mulheres precisam travar nessa sociedade patriarcal. E somente coletivamente, pautada por uma teoria crítica, em busca de outro projeto societário emancipatório, pode-se pensar em mudanças. Para tanto, “modo de produção da vida material condiciona o processo de vida social, política e intelectual. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser; ao contrário, é o seu ser social que determina sua consciência” (Marx, 1989, p. 47).

No entanto, para compreender o papel da mulher na divisão sexual do trabalho, é de suma importância perceber como nas sociedades, as relações de gênero foram direcionando as funções de homens e mulheres no mundo do trabalho, no qual, restava predominantemente às mulheres, o trabalho reprodutivo (tarefas de casa, com filhos, alimentação para os homens e entre outros).

É válido ressaltar que o trabalho reprodutivo, à priori não se constitui como valor de troca, no entanto, certamente há valor de uso, já que dá sustentabilidade no âmbito privado, atendendo às necessidades da família naturalizando a exploração da força de trabalho de mulheres por meio da sua responsabilização no desenvolvimento de tal papel, ainda que estejam também empregadas, tendo que dar conta na maioria das vezes, de jornadas duplas, triplas e até mais. A esse respeito, Cisne, aponta que a:

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

Divisão entre esfera produtiva e reprodutiva fortaleceu a hierarquia e a desigualdade entre homens e mulheres. A esfera produtiva é a da valorização, da produção da riqueza e, portanto, é tida como um espaço privilegiadamente masculino. A esfera da reprodução social – aqui entendida como as atividades necessárias para garantir a manutenção e reprodução da força de trabalho –, é considerada um espaço feminino (CISNE, 2014, p. 88).

A discussão sobre trabalho produtivo e reprodutivo, mencionado pela autora, é um dos motivos que faz desenvolver a resistência dos homens em “aceitar” a presença de mulheres no mundo do trabalho, pautado em discursos machistas e moralistas, discriminando na maioria das vezes, a presença feminina, por exemplo, em espaços fabris (*lócus*, na maioria das vezes, de presença predominante do masculino) e que só foram questionados a partir das lutas de movimentos e coletivos feministas.

As construções sociais de gênero transversalizadas das relações de trabalho sofre impactos, os quais são compreendidos como resultado a partir de dois aspectos essenciais. Primeiro as lutas e organizações do movimento de mulheres e feminista no tocante ao respeito à diversidade e a desconstrução da naturalização historicamente disseminada no que se refere às características das ocupações de homens e mulheres. Segundo, pelas transformações no mundo do trabalho, a partir da intensificação das relações de trabalho e das estratégias do capital quanto à obtenção da força de trabalho barata, como também, a busca pelo controle alienante da classe trabalhadora. As mulheres, então, são chamadas a se inserirem no mundo do trabalho, bem como em outros espaços de participação social. (MACHEL, 1982, p.10)

Em que pese, a divisão sexual do trabalho não poder ser analisada de forma isolada e individual a realidade, já que faz parte de uma condição histórica das relações sociais até então estabelecida. Para tanto, a função de “cuidadora”, destinado as mulheres, foi construído culturalmente, carregando o estereótipo de frágeis e pessoas que desempenham trabalho inferior em comparação aos homens, ou seja, “quanto mais envolvidas estão com o trabalho doméstico cotidiano, menores e menos efetivos são os instrumentos de que dispõem para politizar as desvantagens que vivenciam e as hierarquias assim estruturadas” (BIROLI, 2020, p. 138).

Diante a discussão, a feminização do trabalho, traz enraizado a desvalorização salarial, podendo ser observado na articulação entre esfera econômica e reprodução social, no qual, “foi possível observar que as obrigações domésticas limitavam o

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUIS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



desenvolvimento profissional das mulheres, implicando carreiras descontínuas, salários mais baixos e empregos de menor qualidade” (SOUSA E GUEDES, 2016, p.116). Dessa forma:

A divisão do trabalho proveniente das "relações sociais de sexo" reservou às mulheres a esfera reprodutiva e aos homens, a esfera produtiva, estabelecendo uma relação assimétrica entre os sexos que cria e reproduz concomitantemente as desigualdades de papéis e funções na sociedade. As relações sociais entre os sexos se apresentam desiguais, hierarquizadas, marcadas pela exploração e opressão de um sexo em contraponto à supremacia do outro (SOUSA E GUEDES, 2016, p.125).

A “coisificação” da mulher, considerando-a como algo privado, reverbera na escravização no que se refere as suas vontades, sonhos e desejos. E nesse sentido:

A humilhação do sexo feminino é uma característica essencial tanto da civilização quanto da barbárie, porém com a diferença de que a ordem civilizada eleva todos os vícios que a barbárie comete de um modo simples a um modo de pensar bem mais complexo, de duplo sentido, equívoco e hipócrita... A pena por manter a mulher na escravidão não atinge a ninguém de um modo mais profundo do que o próprio homem. (Marx, 2009a, p. 219;).

E muito embora, as lutas feministas terem avançado com a presença de mulheres, enquanto força de trabalho, verifica-se ainda que a maioria exerce atividades informais, precarizadas e desprotegidas das leis trabalhistas (PNAD, 2021). Segundo, Alves (2018) devido à crise do capital, intensificada pela ideologia neoliberal, é possível analisar que não só a flexibilização do trabalho por meio das perdas dos direitos trabalhistas é uma realidade muito presente entre mulheres, mas também a expansão do desemprego, no qual trabalhadores/as ficam à mercê do capital, submetendo-se a trabalhos degradantes, sem garantias nenhuma de proteção.

Dessa forma, estudar divisão sexual do trabalho, sem fazer uma análise da categoria trabalho, incorre no risco de não perceber as contradições, limitando-se na divisão entre sexos, mas não levando em consideração a classe. Ou seja, é imprescindível fortalecer e trazer para o campo da pesquisa o trabalho reprodutivo, que apesar de não gerar lucro de forma direta, dá sustentação para as condições de existência social. Nesse sentido, pode-se afirmar que “o modo de produção capitalista

PROMOÇÃO



APOIO



se consolida na exploração do trabalho da mulher como sua base de sustentação, seja no trabalho remunerado ou não” (ALMEIDA E QUIRINO, 2021, p. 4).

Segundo Cisne (2018), a exploração entre sexos não é algo exclusivo do gênero feminino, mas sim da lógica do sistema capitalista, o qual reforça a exploração de classes, e neste caso, o estudo caminha pela análise da particularidade da exploração das mulheres e de que forma esse fato atende diretamente aos interesses da burguesia. E por esse motivo, o direcionamento das lutas feministas devem se orientar pela libertação das mulheres, bem como:

A emancipação da mulher não é um ato de caridade, não resulta de uma posição humanitária ou de compaixão. A libertação da mulher é uma necessidade fundamental da Revolução, uma garantia da sua continuidade, uma condição de seu triunfo. A Revolução tem por objetivo essencial a destruição do sistema de exploração, a construção duma nova sociedade libertadora das potencialidades do ser humano e que o reconcilia com o trabalho, com a natureza. É dentro deste contexto que surge a questão da emancipação da mulher (MACHEL, apud Cisne 1982, p. 18).

Corroborando com o exposto, a autora, discorre sobre a importância da superação dessa ordem societária, enquanto pré-requisito para a libertação das mulheres. Salientando que as conquistas advieram sempre de lutas históricas, dentre elas: o direito ao voto, ao divórcio, ao estudo e ao trabalho. No entanto, a discussão culmina, sobre as circunstâncias que estão se dando esses direitos. Será que basta haver leis que lhes assegurem?

As diversas opressões e explorações que se expressam na vida dos indivíduos são determinadas estruturalmente pelas relações sociais de sexo incluindo sexualidade, raça e classe, que de forma imbricada e dialética configuram as múltiplas expressões da questão social, tanto na sua dimensão de desigualdade, como na de resistência política. Afinal, entendemos como relações sociais aquelas envoltas por conflitos, exploração e lutas entre grupos e classes antagônicas. De forma mais precisa, entendemos que as relações sociais de sexo, raça e classe são antagônicas e estruturantes porque determinam materialmente a exploração do trabalho, por meio da divisão de classe e da divisão sexual e racial do trabalho (CISNE, 2018, p. 212).

Verifica-se no levantamento bibliográfico realizado, que o assédio, a violência e as desigualdades, fazem parte do cotidiano das mulheres inseridas nos diversos campos de trabalho. Para tanto, um dos objetivos deste estudo foi buscar

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

problematizar os inúmeros pontos norteadores que perpassam a sociedade capitalista marcada pelas desigualdades sociais, produzidas pela relação contraditória entre capital x trabalho, bem como, trazer as preocupações, desafios e limites que a lógica capitalista reproduz nos diversos campos de trabalhos das mulheres. Segundo Sousa e Guedes, “a divisão sexual do trabalho toma como referência o trabalho, já as relações sociais de sexo transversalizam todos os campos do social” (SOUSA E GUEDES, 2016, p.124).

5 CONCLUSÃO

No presente estudo buscou-se compreender o papel das mulheres no mundo do trabalho e na sociedade de classes, enfatizando os limites imposto pelo modo de produção capitalista. A mercantilização da vida das mulheres, a responsabilização do sujeito e das famílias, expostas pelo desemprego estrutural e adensamento da pobreza, são aspectos que intensificam o agravamento das desigualdades de gênero, raça e etnia, povos originários, pessoas com deficiência e dentre outras determinações das expressões da questão social, reflexo de um estado neoliberal, excludente e omissivo.

As inquietações desta experiência resultaram no entendimento que as condições de trabalho, perpassam pela necessária compreensão da totalidade das relações sociais constituídas numa dada sociabilidade histórica, no caso, na fase madura do capitalismo tardio, o que possibilitou o descortinamento das suas contradições elementares e como elas contribuem para o processo de barbarização da vida social.

Como foi exposto, as mulheres apesar de estarem conquistando seu espaço no local de trabalho, ainda tem obstáculos enraizados pela sociedade patriarcal, tendo como sua expressão principal o machismo. Em suma, além dos aspectos mencionados a discussão buscou também problematizar as relações interpostas nessa sociedade, que modela, padroniza e violenta as mulheres.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Myrna; QUIRINO, Raquel. **O SERVIÇO SOCIAL E A DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO: uma reflexão teórica.** V Seminário Desfazendo gênero. 2021.

ALVES, Giovanni. **O novo e (precário) mundo do trabalho.** Reestruturação produtiva e crise do sindicalismo. São Paulo, Boitempo, 2000 (Parte I, Capítulo I).

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho? ensaio sobre a metamorfose a centralidade no mundo do trabalho.** 14. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

Assis, R. L. M., & Rosado, I. V. M. (2012). **A unidade teoria-prática e o papel da supervisão de estágio nessa construção.** Revista Katálysis, 15(2), 203-211.

BIROLI, Flávia. **Gênero, “valores familiares” e democracia.** Gênero, neoconservadorismo e democracia, p.135-187. São Paulo: Boitempo, 2020.

CASTRO, Mary Garcia. **Marxismo, feminismos e feminismo marxista – mais que um gênero em tempos neoliberais.** Revista Crítica Marxista: Dossiê Marxismo e Feminismo. [2000]. Disponível em: <[http:// www.criticamarxista.com.br](http://www.criticamarxista.com.br)>. Acesso em: 10 mar. 2023.

CISNE. Mirla. **Feminismo e consciência de classe no Brasil.** São Paulo: Cortez, 2014.

_____. **Feminismo e marxismo: apontamentos teórico-políticos para o enfrentamento das desigualdades sociais.** Serv. Soc. Soc., São Paulo, n. 132, p. 211-230, maio/ago. 2018

FALQUET, Jules. **Repensar as relações sociais de sexo, classe e “raça” na globalização neoliberal; Mediações.** Londrina, v. 13, n.1-2, p. 121-142, jan./jun. e jul./dez. 2008.

FERREIRA, B. J. P.; SANTANA, J. V. . **A dialética conhecimento/transformação do mundo no legado marxista.** ARGUMENTUM (VITÓRIA), v. 10, p. 70-83, 2018.

HIRIGOYEN, Marie- France. **Assédio moral: a violência perversa do cotidiano.** Tradução de Maria Helena Kuhner. 14. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



KERGOAT, Danièle. **Dinâmica e consubstancialidade das relações sociais**. In: Novos estudos. CEBRAP [online]. 2010, n.86, pp. 93-103. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-33002010000100005>>. Acesso em: 23 Maio de 2023.

LISBOA. Tereza. **Gênero, feminismo e Serviço Social – encontros e desencontros ao longo da história da profissão**. Rev. Katál. Florianópolis v. 13 n. 1 p. 66-75 jan./jun. 2010.

MACHEL, Samora. **A libertação da mulher é uma necessidade da revolução, garantia da sua continuidade, condição do seu triunfo**. In: MACHEL, Samora et al. A libertação da mulher. 3. ed. São Paulo: Global, 1982.

MANDEL, E. **O capitalismo tardio**. São Paulo: Nova Cultural, 1982.

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política**. Livro I. Cap. V – Processo de Trabalho e Processo de Produzir Mais-Valia. Rio de Janeiro: Editora Bertand Brasil S.A, 1989

_____. *A ideologia alemã*. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

MÉSZÁROS, István. Para além do capital: rumo a uma teoria da transição. Trad. Paulo César Castanheira e Sérgio Lessa. São Paulo, Editora da UNICAMP/BOITEMPO Editorial, maio de 2002.

SAFFIOTI, H. I. B. et. al. **Formas de participação da mulher em movimentos sociais**. Revista Política e Administração, v. 1, n. 1. Rio de Janeiro: Fundação Escola de Serviço Público, março/1985.

SOUSA; Luana; GUEDES, Dyeggo. **A desigual divisão sexual do trabalho: um olhar sobre a última década**. ESTUDOS AVANÇADOS 30 (87), 2016.

PROMOÇÃO



APOIO

